

A IMPORTÂNCIA DO CORPO NOS PROCESSOS RITUAIS DE UM PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Álison Sousa Castro¹

Ilanil Coelho²

Resumo: O presente trabalho é parte da pesquisa “Se correr o bicho pega, se ficar o bicho leva: Usos e sentidos atribuídos ao Pelznickel em Guabiruba-SC (2005-2013)” que tem por objetivo compreender a reinvenção do Pelznickel junto aos moradores praticantes desse modo de fazer no município de Guabiruba-SC entre os anos de 2005-2013. Neste trabalho busca-se discutir a importância do corpo enquanto *medium* no processo de ritualização e de difusão memorial do Pelznickel. Parte-se da ideia de que o corpo pode assumir um papel central no reconhecimento e na atribuição de valor a um bem cultural imaterial, na medida em que sua performatividade tanto pode expressar como suscitar novas apropriações sobre um bem patrimonial. A reflexão tem como base o levantamento, análise e discussão da bibliografia sobre patrimônio cultural, memória e corpo e sua pertinência para a compreensão das práticas de ritualização do Pelznickel.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural Imaterial – Memória – Corpo - Mimese

O Pelznickel (“Nicolau Peludo”, no dialeto badense) é uma personagem que aparece anualmente durante as festividades de Natal, mais notadamente nos dias 6 e 24 de dezembro³, no município de Guabiruba, SC. Sua aparência lembra a de um monstro do mato. Seu traje é composto por uma vestimenta feita geralmente de barba-de-velho⁴ ou folhas de palmeira⁵, cabeça ornada por chifres de boi, chicote ou vara nas mãos, podendo portar adereços como corrente, sinos ou mesmo chupetas (que as crianças a entregaram a ele sob a promessa de não mais a utilizarem) - conferindo-lhe uma aparência ameaçadora.

Diferentemente do Papai Noel - outra personagem, que foi secularizada e massificada através dos meios de comunicação e que presenteia as crianças compulsoriamente ignorando o aspecto dos valores e serem cultivados -, o Pelznickel cobra o bom comportamento das crianças, presenteando ou ameaçando de levar para o mato aquelas que desrespeitam os pais e não se comportaram de maneira adequada

1 Mestrando em Patrimônio Cultural e Sociedade (Univille). Bolsita Prosup/Capes. Integrante do Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença (Univille). Historiador da Fundação Cultural de Brusque, historiador@fcbrusque.sc.gov.br

2 Doutora em História (Ufsc). Coordenadora do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade (Univille), Líder do Grupo de Pesquisa Cidade, Cultura e Diferença (Univille), ilanil@uol.com.br

3 No dia 6 de dezembro é celebrado o dia de São Nicolau, quando antigamente eram dados os presentes. Com a resistência aos santos católicos, a Igreja Luterana instituiu a personagem Christkindl (Menino Jesus que é, na realidade, um anjo ou noiva) que teria como tarefa a distribuição de presentes no dia 24 de dezembro.

4 *A Tillandsia usneoides* L. é um tipo de Bromélia.

5 Trata-se de um tipo de aparência semelhante à *Chamaedorea ernesti-augusti*.

durante o ano.

Mas nem sempre o Pelznickel fora assim tão pacífico a ponto de se limitar a uma ameaça como imagem e discurso. Segundo relatos de Fabiano Siegel (2013) o Pelznickel era uma personagem punitiva até a década de 1980, sobretudo com castigos físicos. Segundo estes relatos, o Pelznickel invadia as casas – com o consentimento dos pais – e surrava aqueles que foram mal comportados, nem que para isto os puxasse de baixo da cama.

O abandono das práticas de castigo físico no ritual do Pelznickel coincide com o período em que foram tomadas iniciativas visando coibir a agressão física às crianças, mais notadamente com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990. Em seu Art. 5º o Estatuto estabelece que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (BRASIL, 1990). Assim a punição física do Pelznickel passaria a se constituir especificamente num crime, previsto em lei. Se estas surras marcaram as crianças e, para além delas, a própria personagem natalina povoava o imaginário delas, quando adultos este ritual produz lembranças que vão da nostalgia a traumas. Deste modo, o Pelznickel suscita emoções, evoca a constituição de memórias e de identificações.

Pelznickel enquanto Patrimônio Cultural Imaterial

Relacionada à personagem, podemos observar “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural” (UNESCO, 2003, p. 3). Desta forma, no atual conjunto de políticas de proteção e salvaguarda do campo patrimonial cultural, o Pelznickel pode ser compreendido como Patrimônio Cultural Imaterial (PCI).

Assim, o conceito de patrimônio remete a atribuição de valores culturais relativos a práticas e bens materiais que as referenciam e, por isso, devem ou são desejados como legados a serem transmitidos e compartilhados. Neste sentido o patrimônio deve ser compreendido integralmente como sendo de corpo e alma – de corpo, pois pressupõe

um suporte material, seja de pedra e cal⁶ ou de carne e osso⁷ –, e alma, pois deve suscitar uma relação de pertencimento, de identificação com aquele bem.

As dimensões material e imaterial imbricadas na definição do patrimônio tendiam até recentemente a ser naturalizadas, sendo consideradas inerentes, ou seja, propriedade intrínsecas de um bem, acessível apenas a um olhar qualificado (FONSECA, 2009, p. 35-36), permitindo, portanto, que seu valor fosse descoberto ou revelado por um técnico ou especialista a partir de uma retórica da perda em que “a coerência narrativa é concebida, ilusoriamente, como coerência factual (GONÇALVES, 1996, p. 20).

No caso em análise, o Pelznickel é reivindicado como uma herança dos imigrantes badenses que se estabeleceram em Guabiruba a partir de 1863, logo, poderia ser considerado como um elemento estranho à coerência narrativa advinda da autoridade intelectual que demarcou e ainda por vezes demarca o campo patrimonial brasileiro. Se até a década de 1980 aos atores patrimoniais era reservado um papel passivo como simples informantes de pesquisadores autorizados, a inscrição do termo *imaterial* na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988) e a experiência que o Brasil emprestou a partir do Decreto Nº 3.551 (BRASIL, 2000) à Convenção para a Salvaguarda do PCI (UNESCO, 2003) possibilitou uma abertura nos processos de patrimonialização valorizando o protagonismo dos próprios praticantes ou instituidores de um bem de interesse patrimonial. Isto se refletiu no caso do *Pelznickel*, já que um grupo, denominado *Sociedade do Pelznickel*, passou a chamar para si a responsabilidade pela manifestação ritual do *Pelznickel*, reinventando seu modo de fazer.

A reinvenção do Pelznickel

A partir de 2005 algumas pessoas que praticavam o ritual do Pelznickel perceberam que seu modo de fazer estava caindo em desuso, sendo substituído pelo Papai Noel vermelho (SIEGEL, 2013). Os praticantes constataram que em algumas ruas não havia mais praticantes do Pelznickel. A partir desse momento, formaram a Sociedade do Pelznickel, que teve por objetivo inicial desfilar pelas ruas em que não

6 Expressão insistentemente cunhada por Afonso Arinos de Melo Franco no livro “Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil”, fruto de cinco palestras realizadas entre os meses de outubro e novembro de 1941 na sede do Sphan, constituindo um curso para o pessoal técnico da repartição para sua orientação dos estudos e trabalhos referentes à civilização material no Brasil.

7 Termo que utilizamos para nos referirmos ao Patrimônio Cultural Imaterial, ressaltando que este patrimônio de carne e osso se faz necessariamente presente em corpo e alma, ou seja, indissociavelmente a partir de uma relação entre materialidade e imaterialidade.

havia mais quem encenasse o Pelznickel.

Ocorre que esta ação engajada de salvaguarda acabou por reinventar o modo de fazer do ritual, uma vez que cada rua tinha o seu Pelznickel que ia de casa em casa cobrar a obediência das crianças. A partir de 2005, com o desfile em cima de veículos motorizados, misturaram-se vários Pelznickels de diversas ruas e localidades de Guabiruba, dando a impressão de unidade ao grupo em torno da Sociedade do Pelznickel.



Vários *Pelznickel* em cima de uma picape durante desfile em 24 de dezembro de 2012 no município de Guabiruba-SC. Foto retirada de www.pelznickel.com.br

No desfile, um caminhão segue na frente anunciando a passagem de *São Nicolau*, vestido de roupa branco-anil, e das *Christkindl*, o “Menino Jesus” representado por noivas. Logo atrás, seguem os Pelznickel em picapes e caminhões. Em alguns trechos com maior adensamento de crianças os Pelznickel descem dos carros e correm atrás das crianças. Há também alguns pais que seguram os seus filhos até que estes estejam de frente ao temido personagem, que lhe cobra a obediência aos pais – já sinalizada no fato do pai levar a criança até ele. Dado o susto, a corrida e em alguns casos e cobrança de

obediência, doação do bico ou até mesmo elogio para aqueles em que o pai assevera que a criança tenha se comportado, o Pelznickel segue seu caminho com seu meio de transporte motorizado. Os primeiros desfiles iniciam anualmente já no fim de novembro, sendo o último no dia 24 de dezembro.

Para o antropólogo alemão Christoph Wulf, o processo mimético – tal qual um aspecto do PCI - abrange a transmissão, a criação e a apresentação de obras culturais. Neste processo estaria implícito um vínculo particular entre mímica e a encenação de algo burlesco, cômico, parodial. Assim sendo, “as origens da *mimesis* residem na cultura das práticas performativas e têm um aspecto distintamente sensorial, com uma ênfase nos movimentos do corpo” (WULF, 2013, p. 46).

Embora o Papai Noel já não suscite tanta simpatia das crianças quanto os adultos possam pensar (BOWLER, 2007, p. 76), o Pelznickel amedronta ainda mais por seu aspecto monstruoso. Assim “o que vemos como uma imagem se refere a um exterior que está relacionado com o que é representado [culturalmente e historicamente]”(WULF, 2013, p. 25). Wulf denomina este mecanismo que possibilita essa “sobreposição de diferentes imagens em nossa percepção” de poder da imaginação (2013, p. 25). Isto nos ajuda a compreender o relato de Ivan Elias Fischer, que na sua infância avistou um arbusto se mexer na meia da noite, evocando a sua memória para significar sua experiência naquele momento: “Parei e não conseguia me mexer. Tinha certeza de que o Pelznickel ia me pegar. Por sorte não era nada, mas se fosse, acho que tinha desmaiado”(ONDE..., 2011).

O homem, a partir do poder da imaginação, retrata algo ausente na medida em que sua ausência é insuportável, o que provoca a sensação de que algo “não *está* na imagem, mas que pode *aparecer* somente como imagem”. Porém, ele alerta: “imaginação é mais do que a capacidade de trazer os ausentes para o presente e imaginar o mundo”. Isto ocorre, pois “as imagens oscilam entre aquelas com características hierático-mágicas⁸ [...] e aquelas que nada representam e apenas simulam” (WULF, 2013, p. 27-28).

A imagem do Pelznickel pode ser compreendida como a) presença mágica: como as de culto em que ela se funde ao seu conteúdo a ponto de ser indistinguível; b) representação mimética: como representação daquilo que ela própria não é pois ela foi elaborada a partir de um olho interior; c) simulação técnica: na qual as imagens deixam

8 As imagens com características hierático-mágicas são aquelas onde a imagem é idêntica ao que ela mostra.

de ser simples auxiliares de memória, passando na sociedade do consumo, a impor um mundo onde o real é esvaziado em detrimento das aparências (WULF, 2013, 29-35). Isto ocorre justamente porque “o mundo das imagens interiores de um sujeito social é determinado pelo imaginário coletivo de sua própria cultura, pelas qualidades únicas e inequívocas das imagens derivadas de sua biografia individual e finalmente pela sobreposição e interpenetração mútua destes mundos imagéticos (WULF, 2013, 36). Este mundo das imagens interiores ativado pelo poder da imaginação é que permite, portanto, que a criança ao ver um arbusto o associe com o imaginário de sua própria cultura. Neste sentido,

Muitas imagens mentais passam a existir somente quando elas ou as configurações nas quais estão baseadas são contempladas [...] Olhares estão ligados intimamente à história do sujeito e da própria subjetividade, bem como à história do conhecimento. [...] O olhar é ativo bem como passivo, ele se dirige ao mundo a o recebe ao mesmo tempo. (WULF, 2013, p. 39)

Só é possível à criança temer um Pelznickel ao imaginar ele em um arbusto no meio da noite quando ele já tenha visto um, contemplando-o – e para isto a velocidade com que ocorrem os desfiles contribui para que as crianças não tenham muitos detalhes de sua fisionomia a ponto de confundi-los ao verem um arbusto se mexer no meio do mato. Logo, essa imagem é apreendida em nosso mundo interior não como algo mecânico e essencial, mas a partir de um processo de “tradução construtiva”, servindo de subsídio a novas apropriações num processo singular.

Para Wulf “recriar uma imagem em contemplação é o primeiro passo para o engajamento mimético com as imagens” onde “os passos seguintes são agarrá-las, trabalhá-las e fazê-las desdobrar-se em nossa imaginação” (WULF, 2013, p. 41). Portanto, a imaginação “também permite adaptações e reformulações, a geração de diferenças, invenção e inovação [...]. Através do olhar, os seres humanos transformam o mundo exterior em um mundo interior e expressam sua relação com ele”. E isto só é possível graças ao aprendizado mimético.

O aprendizado mimético de um patrimônio cultural imaterial

Os processos miméticos levam a uma “imitação criativa”, na qual “a imagem original que é usada para conduzir o processo criativo gradualmente se dissolve na obra [...] que assim emerge em um *medium* que é criado, em um *medium* diferente da imagem na imaginação”. A criação de imagens envolve, portanto, a transformação da

imagem original percebida em um *medium* (WULF, 2013, p. 48-50). No campo do PCI

A cultura é transmitida através desse processo de incorporação e atribuição de sentido de produtos culturais. A habilidade mimética de transformar o mundo material externo em imagens, transferindo-as para nosso mundo interior de imagens e tornando-as acessíveis para outros permitem aos indivíduos a formação ativa de realidades culturais. [...] Esse processo envolve [...] também [...] relações sociais e formas de atividade e o modo como a vida social é encenada e executada. (WULF, 2013, p. 53-54)

É isto que “cria um dinamismo cultural entre gerações e culturas que constantemente dão origem a coisas novas”, permitindo, portanto, que o PCI seja aceitável e entendido como sendo processual e mutável (WULF, 2013, p. 54). Desta forma, as impressões de mundo daqueles que apanharam do Pelznickel, aliado ao advento do ECA pode ter contribuído para a reinvenção do Pelznickel.

Sem esta reinvenção estaria em desacordo não só com a lei nacional constituindo-se em um crime, mas também com os parâmetros da Convenção da Unesco (2003), da qual o Brasil é signatário. Em seu Art. 2º prevê que seja contemplado apenas o PCI “que seja compatível com os instrumentos internacionais de direitos humanos existentes e com os imperativos de respeito mútuo entre comunidades, grupos e indivíduos, e do desenvolvimento sustentável” (UNESCO, 2003).

Deste modo é importante ressaltar que as ações miméticas não são meras reproduções, pois elas pressupõe um processo de criação, pois “no 'adaptar-se e tornar-se similar' a situações experimentadas anteriormente e a mundos que ostentam as marcas da cultura da qual eles fazem parte, os sujeitos adquirem as competências necessárias para se comportar apropriadamente em certas situações” (WULF, 2013, p. 59). Wulf defende que “ao imitar os gestos e se aproximar deles, a pessoa que está se comportando mimeticamente adquire a competência de projetar e empregar gestos cenicamente e modificá-los para que se adequem às circunstâncias” (WULF, 2013, p. 135).

Se as crianças que assistem e participam do ritual do Pelznickel aprendem mimeticamente o que fazer em sua presença e, mais tarde, quando adultos, como se portar como um Pelznickel, isto requer um conhecimento prático, que, sendo necessário

para as ações sociais não é somente histórico e cultural, mas também corporal e lúdico; ele é formado em situações práticas e não é semanticamente inequívoco; ele tem componentes do imaginário e não pode ser reduzido à intencionalidade, ele incorpora um excesso de significado e pode ser visto em encenações sociais e performances da religião, da política e da vida cotidiana

(WULF, 2013, p. 61-62).

Estas performances envolvem corpo e alma. No caso específico do Pelznickel, enquanto PCI, o corpo se materializa em carne e osso; e a alma é toda a bagagem cultural que a criança desenvolve em sua infância, principalmente a partir das advertências dos adultos em relação ao Peznickel, que se materializam em corpo durante o Natal.

O Pelznickel em carne e osso

Wulf parte da premissa de que “somos, por vezes, confrontados com a visão de que os rituais se tornaram atualmente supérfluos e podem ser substituídos por outras práticas sociais”. Para ele, a vida é impossível sem rituais (WULF, 2013, p. 89-90). Assim, os grupos sociais se constituem por meio de formas verbais e não verbais de interação e comunicação, sendo estas comunidades notabilizadas pela sua ação cultural, “na qual são encenados e executados tais conhecimentos em rituais, expressando assim a autoprojeção e reprodução da ordem social” (WULF, 2013, p. 93-94). Na cultura moderna os rituais tendem a aparecer para

criar coerência cultural, principalmente em virtude de apresentar formas que, pelo seu conteúdo ético e estético, oferecem segurança em tempos onde uma perspectiva mais abrangente é facilmente perdida de vista. Os rituais oferecem a promessa de compensação para a experiência de perda associada à modernidade: perda do sentido de comunidade, perda da identidade e autenticidade, de ordem e estabilidade, além disso, de compensação para as tendências dirigidas ao individualismo, abstração e virtualização que fluem da erosão dos sistemas sociais e culturais (WULF, 2013, p. 95).

Esta suposta coerência cultural pode ser entendida pelo que o antropólogo Joël Candau denominou de retórica holista, ou seja,

o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como outra coisa que a simples soma das partes e tidos como agregadores de elementos considerados, por natureza ou convenção, como isomorfos (2012, p. 29).

Esta suposta homogeneidade aparece sempre como retórica da perda (GONÇALVES, 1996) e no atual contexto das políticas patrimoniais, este discurso não mais é propagado a partir do discurso de autoridades ou técnicos e especialistas, mas das comunidades que reivindicam seus bens como patrimônio cultural (CHUVA, 2012;

BORTOLOTTI, 2010; HARTOG, 2013). Este engajamento reivindicatório acentua-se na medida em que o corpo não é mais de *pedra e cal*⁹ como um prédio construído mas de *carne e osso*, ou seja, o próprio corpo daquele quem reivindica.

Nenhum veículo melhor para a manifestação dos rituais do que o nosso próprio corpo, pois é “pela sua presença corpórea, [que] os atores do ritual acrescentam à situação atual 'algo além' da palavra falada. Esse 'algo além' está enraizado na materialidade do corpo e na própria existência humana que está baseada nele, com sua presença corpórea concomitante, e vulnerabilidade”. Se para Wulf “as pessoas encenam a si mesmas e as suas relações, e ao fazê-lo produzem o social” (2013, p. 95-96), acrescentaríamos que além do social, elas produziram o PCI em si.

Para Wulf, a performatividade dos rituais abrangem três dimensões, que podem ser apreendidas: a) como performances culturais comunicativas; b) pelo caráter performativo da fala e; c) pela compreensão da dimensão estética (WULF, 2013, p. 100). Assim,

A comunicação social depende crucialmente de como as pessoas fazem uso de suas ações e comportamentos determinados culturalmente, quais distâncias corporais elas tomam, quais posturas corporais elas adotam, quais gestos elas desenvolvem. Por esses meios, as pessoas comunicam muito sobre si mesmas e sua abordagem de vida, sobre seu modo de ver, sentir e experimentar o mundo (WULF, 2013, p. 101).

A performatividade do Pelznickel suscita apropriações pelas crianças e até mesmo por adultos. Quando da sua aproximação, as emoções afloram, levando ao medo daqueles que o temem até ao enfrentamento daqueles que já pensam não o temer mais. Os pais levam as crianças – e conseqüentemente seu corpo, sua presença física – até os Pelznickel: como forma de advertência e ameaça ao mau comportamento da criança ou como forma de comunicar ao Pelznickel que a criança se comportou bem. Ao aparecer anualmente, o ritual comunica àquela comunidade algo que não poderia ser comunicado de outra forma.

A presença do Pelznickel enquanto medium afasta a dúvida das crianças quanto à sua existência. Assim como sua breve e rápida passagem, com seu corpo expressando

9 Expressão insistentemente cunhada por Afonso Arinos de Melo Franco no livro “Desenvolvimento da Civilização Material no Brasil”, fruto de cinco palestras realizadas entre os meses de outubro e novembro de 1941 na sede do Sphan, constituindo um curso para o pessoal técnico da repartição para sua orientação dos estudos e trabalhos referentes à civilização material no Brasil. A expressão serviu para designar os bens de natureza material. Sobre as implicações do uso do termo ver o texto de Márcia Chuva (2012), listado nas referências.

visualmente uma ameaça, aliados ao que os pais contam aos filhos, faz com que estes estejam culturalmente coibidos em suas ações que possam desagradar aos adultos, uma vez que o Pelznickel sabe de tudo e vem no Natal para punir ou premiar.

Os movimentos do corpo entendidos como gestos não podem ser explicados exclusivamente com base nas intenções que os orientam na medida em que eles implicam em assumir uma posição excêntrica e auto reflexiva em relação ao próprio corpo, assim “nós podemos tanto *ser* nossos corpos ou *ter* nossos corpos” (WULF, 2013, p. 123-125). Logo, é por meio de uma relação mimética com os gestos que “podemos experimentar a nós mesmos em nossas representações [...] quem somos e como somos vistos pela reação de outras pessoas às nossas externalizações. [...] Os gestos expressam uma configuração corporal, uma intenção interna e uma relação mediada com o mundo” (WULF, 2013, p. 126). Em resumo, gestos estão mais relacionados aos sentimentos dos falantes do que às suas declarações verbais (WULF, 2013, p. 129-130).

Àquelas crianças que temem o Pelznickel, por mais que em sua percepção tenham se comportado adequadamente, ainda o temem pela presença de seu corpo ameaçador, pois “o mais importante é o fato de que a pessoa que está se comportando mimeticamente sofre uma expansão na direção dos gestos corporais de outras pessoas que é acompanhado de imagens associativas” (WULF, 2013, p. 132). O movimento corporal do Pelznickel ao se aproximar provoca uma reação nas crianças que o pai, com palavras, pode amenizar ou piorar (no caso da criança que o pai julgar mal criada).

A cada desfile o laço de pertencimento entre os participantes daquele ritual e os Pelznickel é confirmado com a utilização dos gestos. Logo, “qualquer um que compartilhe a forma e o significado de tais gestos emblemáticos se identifica com as instituições nas quais esses enquadramentos foram produzidos”, por consequência sentimentos de pertencimento são produzidos e confirmados pela sua realização (WULF, 2013, 133-134). Isto provoca o riso, por exemplo, em um pai que compartilhe os significados daquele modo de fazer ritual, ao ver seu filho com medo ou chorando e, pelo contrário, pode provocar uma irritação para aqueles a quem os signos corporais não fazem sentido, pois é nos gestos que experimentamos o mundo e a nós mesmos, em que os seres humanos formam o mundo e são formados por ele, neste sentido, sendo os gestos reflexivos (WULF, 2013, p. 135).

Estes gestos devem ser praticados por quem conhece o código cultural: sejam os Pelznickel correndo atrás das crianças, ou estas fugindo dos Pelznickel. Neste sentido, só é possível a entrada no mundo da ficção e do jogo quando alguém acredita nele (WULF, 2013, p. 142), pois do contrário nenhuma criança iria temer o Pelznickel se não acreditasse nele.

Ao criar esta irrealdade real na ânsia de tornar-se um Pelznickel, a relação mimética acaba por construir um mundo imaginário onde os praticantes mergulham nele para dar-lhe forma, tornando apreensível algo que de outra forma não encontraria expressão (WULF, 2013, p. 145). Isto implica no caráter único de cada desfile do Pelznickel. Nele, os rituais podem até parecer ser algo repetitivo - Pelznickel vão pelas ruas Guabiruba Sul, Brusque e São Pedro todos os anos -, mas nunca serão meras repetições já que “a performatividade do jogo inclui o caráter histórico e cultural da encenação e performance, pois a referência a outros jogos é evidente quando os jogadores ou espectadores sabem o que significa jogar”.

Jogando com o Pelznickel: usos e sentidos

Seria a reinvenção do Pelznickel que guardava um ritual reservado a cada rua para um ritual de desfile nas principais ruas da cidade uma tentativa de, com o corpo, educar, a partir do processo mimético, esta população migrante que não o tinha como referência cultural, e portanto, nenhuma memória dele?

Para Wulf (2013) o patrimônio cultural imaterial desempenha um papel central no processo de globalização e desenvolvimento sustentável, havendo seis razões para isso: 1) o corpo humano atuando como medium é mais sensível às rápidas mudanças; 2) o caráter performativo de rituais e práticas sociais produzem a sensação de pertencimento a um grupo; 3) através do aprendizado mimético as pessoas interiorizam imagens e esquemas rituais sendo a repetição deste ritual de vital importância; 4) sensibilização para a outridade e alteridade ajuda a evitar a homogeneização e impor aos outros sua cultura; 5) necessidade de esforçar-se para preservar o que torna um ser humano diferente, tanto em seu interior como em seu exterior e 6) estar consciente de que não há uma solução global para a homogeneização já é um passo importante na forma de resolver essa controvérsia e na maneira de transmitir o patrimônio intangível.

Verificou-se no caso do Pelznickel que o corpo é peça fundamental para o processo ritual do Patrimônio Cultural Imaterial. Ele desenvolve uma dupla função:

serve de medium para a manifestação gestual de quem pratica o ritual e ao mesmo tempo serve de medium para, a partir de um processo mimético, captar uma imagem exterior e ressignificá-la em uma imagem interior, possibilitando, numa ação processual e gestual, uma ressignificação do apreendido. Assim, o corpo pressupõe os movimentos de expressar por meio de atos performativos como apreender estes atos por meio de procedimentos miméticos, suscitando novas apropriações e ressignificações, conferindo o caráter processual e mutável ao PCI.

REFERÊNCIAS

- BORTOLOTTO, Chiara. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial na implementação da Convenção de UNESCO de 2003. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.2, n.4, dez.2010 / mar. 2011 – ISSN- 2177-4129.
- BOWLER, Gerry. **Papai Noel: uma biografia**. Tradução Maria Cristina Guimarães Cupertino. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm
- _____. **Lei n. 8.069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- _____. **Decreto n. 3.551**, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHUVA, Márcia. Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília: IPHAN, n. 34, p.147-165, 2012.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Vários tradutores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ONDE vivem os monstros. In: **Jornal de Santa Catarina** de 24 de dez. De 2011, ed. N° 12449 Disponível em <<http://www.clicrbs.com.br/jsc/sc/impressa/4,1147,3604715,18627>>, acesso em 18 de out. De 2012. Na entrevista, Fischer diz que quando viu um arbusto se mexendo pensou ter visto um Pelznickel.
- UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=515>

WULF, Christoph. **Homo pictor**: imaginação, ritual e aprendizado mimético no mundo globalizado. Tradução Vinicius Spricigo. São Paulo: Hedra, 2013.